

TRAJETÓRIA DO PENTECOSTALISMO NO BRASIL ATÉ A PRESENÇA MERCADOLÓGICA DA IURD

Fabiana Lima dos Santos do Carmo*

RESUMO

O objetivo desse artigo é mostrar a trajetória do pentecostalismo no Brasil até a chegada do neopentecostalismo, trazendo então uma das igrejas neopentecostais que mais se destaca, a Igreja Universal do Reino de Deus- IURD. Assim sendo, o presente trabalho traz em seu corpo uma descrição seguida de pequenas análises, discussões e reflexões sobre práticas de administração da IURD, e como as mesmas se apresentam no âmbito do mercado religioso brasileiro, sendo utilizado para a produção do referido trabalho a sociologia do conhecimento fenomenológico de Peter Berger.

Palavras chaves: Neopentecostalismo, mercado e Igreja Universal do Reino de Deus.

SUMMARY

The aim of this article is to show the history of Pentecostalism in Brazil until the arrival of neo-Pentecostalism , bringing then one of the neo-Pentecostal churches that stands out most , the Universal Church of the Kingdom of God- UCKG . Therefore , this paper has in its body a description followed by small analysis , discussions and reflections on the UCKG management practices , and how they present themselves within the Brazilian religious market, being used for the production of that work sociology phenomenological knowledge of Peter Berger .

Key words: Neo-Pentecostalism , market and Universal Kingdom of God Church .

* Pós graduada em filosofia e antropologia pela FAT, professora de filosofia e coordenadora do Projeto Escola Viva. Atualmente mestranda no curso de Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória-FUV.

SURGIMENTO DO PENTECOSTALISMO E NEOPENTECOSTALISMO

Quando se fala de pentecostalismo no Brasil, enxergamos uma série de movimentos e acontecimentos. Falamos de um pentecostalismo dinâmico que é um pentecostalismo global e multifacetado (BLEDSOE, 2012).

Na década de 20 começou-se a propagar e espalhar o pentecostalismo brasileiro em duas regiões diferentes. No sudeste do país, Louis Francescon, um italiano, estabeleceu sua base, e de maneira simultânea, dois outros suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren se instalaram no norte do país. Ambos os missionários não tiveram por semelhança apenas o período de estabelecimento no Brasil, mas também a origem da igreja, visto que os mesmos freqüentaram a mesma congregação em Chicago, onde se era pregado à mensagem do pentecostalismo por William H. Durham (BLEDSOE, 2012, p. 26), tendo esse impactado os fundadores de duas das maiores denominações pentecostais no Brasil (ROMEIRO, 2005).

Segundo Freston, o primeiro estudioso a dividir o pentecostalismo através de um corte histórico-institucional, o pentecostalismo aparece em três ondas:

“O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história das três ondas de implantação de igrejas. A primeira onde é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembléia de Deus (1911). (...) A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecotal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) (FRESTON, , 1994, p. 70).

Outro autor que analisa com propriedade é Ricardo Mariano que ressalta sobre o pentecostalismo clássico. Perdura desde 1910 até 1950, período onde a religião é implantada no país com as Igrejas: Congregação do Brasil (São Paulo 1910) e da

Assembléia de Deus (Belém, 1911). Ambas em seu início eram compostas por pessoas de baixa remuneração, analfabetas e de baixa escolaridade, sendo totalmente discriminadas por protestantes históricos e pela Igreja. As duas Igrejas caracterizavam-se por uma pregação anticatólica, por enfatizar o dom de línguas e de menosprezar os prazeres do mundo exterior. É possível observar que o perfil dessas Igrejas sofreu uma mudança parcial, visto que ainda abrigam pessoas pobres e de baixa escolaridade, sobretudo já se pode contar com um setor de classe média e até empresários. Apesar de serem centenárias, ainda mantêm em suas raízes seu tradicionalismo (MARIANO, 2005, p. 30).

Na década de 50, na cidade de São Paulo, teve-se início a segunda onda do pentecostalismo brasileiro. Os ex-atores Harold Williams e Raymond Boatright, que eram vinculados a Church of The Foursquare Gospel, chegaram com uma mensagem de cura divina, mensagem essa que se difundiu pelos rádios, trazendo então um evangelismo de massa. Estavam à frente da Cruzada Nacional De Evangelização, movimento que centralizou multidões de pessoas em estádios, ginásios de esportes e teatros, com um discurso persuasivo, provocou a fragmentação denominacional no pentecostalismo brasileiro, que até no momento só se contava com as igrejas Brasil Para Cristo (SP,1955), Deus é Amor(SP, 1962), Casa de Benção (BH, 1964), dentre outras Igrejas de menor porte (MARIANO. 2005, p. 31).

Sendo assim Mariano salienta que:

Tendo em conta que a segunda onda mantém o núcleo teológico do pentecostalismo clássico, mas se estabelece quarenta anos depois e com distinções evangelísticas e ênfases doutrinárias próprias, optamos por renomeá-la de **deuteropentecostalismo**. O radical deuter (presente no título do quinto livro do pentateuco), significa segundo ou segunda vez, sentido que torna muito apropriado para nomear a segunda vertente do pentecostalismo. Temos, assim, primeiro o **pentecostalismo clássico**, seguido do **deuteropentecostalismo** (MARIANO. 2005, p. 32).

A partir do final da década de 70 se instaura a terceira onda do pentecostalismo, dando continuidades e descontinuidades ao mesmo. As igrejas que seguem essa onda são as igrejas que mais se destacam no que tange a crescimento no âmbito do evangelicalismo brasileiro (PEREIRA, 2006, p. 78).

Ainda sobre o início da terceira onda na cidade do Rio de Janeiro, Freston nos diz que:

Em contraste com a segunda onda de igrejas paulistanas fundadas por migrantes de nível cultural simples, a terceira onda é sobretudo de igrejas cariocas fundadas por pessoas citadinas de nível cultural um pouco mais elevado e pele mais clara. Cita três igrejas: Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus e Cristo Vive, cujos líderes Edir Macedo, R.R Soares e Miguél Ângelo, respectivamente foram membros da Nova Vida, denominação pouco legalista e de membresia de classe baixa, na qual fizeram estágio. Analisa apenas a Universal. Esta igreja, segundo ele, é mais liberal em áreas como vestuários e embelezamento femininos, características que combinam com seu relativo não-sectarismo. As igrejas da terceira onda enfatizam a libertação dos demônios, enquanto a primeira onda privilegia os dons de línguas estranhas e a segunda, a cura divina. Tal ênfase nos rituais de exorcismo e o repúdio a umbanda acarretam ataques aos cultos afro-brasileiros, dos quais procurar libertar fieis e clientes. A Universal está entre as principais divulgadoras entre os pobres da Teologia da Prosperidade, rejeitando o ascetismo pentecostal tradicional. Seu líder, Edir Macedo, bom administrador, adotaria uma conceito arrojado de missão religiosa, ao colocar todo o seu império político a serviço do crescimento eclesiástico. (ou será o contrário?) (FRESTON, 1994, p. 72)

Cabe salientar ainda as colocações de alguns autores no que diz respeito ao neopentecostalismo visto através da IURD:

Bittencourt ressalta que:

“O pentecostalismo autônomo participa ativamente da política partidária, tem importante função terapêutica baseada na cura divina, na prosperidade e nos rituais de exorcismo, os quais dão nome aos bois e culminam na guerra santa. Contém doses maciças de misticismo, incluindo o uso de objetos como mediação do sagrado. Nos cultos, concede liberdade às expressões emotivas, propiciando catarse individual e coletiva” (BITTENCURT, 1991).

Oro afirma que:

“As igrejas neopentecostais são autóctones, tem líderes fortes e pouca inclinação à tolerância e ao ecumenismo, opo~em-se aos cultos afro-brasileiros, estimulam a expressividade emocional, utilizam muito o meio de comunicação de massa, enfatizam rituais de cura e exorcismo, estruturam-se empresarialmente, adotam técnicas de marketing e retiram dinheiro dos fiéis ao colocar no mercado religioso serviços e

bens simbólicos que são adquiridos mediante pagamento” (Oro, 1992).

Wilson Azevedo corrobora que:

“Define como características do neopentecostalismo a ênfase no Diabo e na guerra espiritual contra os demônios, a agressividade de sua militância e a crença (vinda dos EUA, criada por Kenneth HAGin e difundida por licenciatura) de que a palavra humana, associada à fé, faz acontecer coisas neste mundo (WILSON, 1992).

E por fim o antropólogo Jungblut:

“A identidade contrastativa da Universal centra-se na oposição ao Diabo e seus aliados, representados especialmente pelas regiões mediúnicas. Ressalta a tolerância para os comportamentos profanos dos fiéis” (JUNGBLUT, 1992).

Contudo se insere uma tarefa muito desafiadora definir o neopentecostalismo brasileiro, visto sua teologia nada homogênea, todavia essas igrejas da terceira onda, tendem a diversificar o pentecostalismo iniciado pela segunda onda e também pelas igrejas reformadas. Em contra partida, suas estruturas eclesiásticas, seus discursos teológicos, suas características como um todo distingue sobremaneira do neopentecostalismo dos períodos iniciais. Entre tanto, o neopentecostalismo traz em seu cerne uma nova forma de religião, trazendo para si não apenas os marginalizados, os poucos escolarizados, as pessoas de pele mais escura, esse neopentecostalismo está trazendo com ele uma nova classe social, de empresários, de classe média, visto seu principal discurso com ênfase principalmente na prosperidade pessoal aqui e agora e no imediatismo material, substituindo então a tradicional mensagem pentecostal de línguas estranhas, moralidade pietista muito rígida, do evangelho da cruz e da segunda volta de Jesus, se afastando totalmente da teologia vivida pelas ondas anteriores (BLEDSOE, 2012, p. 42 e 43).

MODERNIDADE: RACIONALIZAÇÃO, DESENCANTAMENTO E O ESPÍRITO DO CAPITALISMO

A resposta que toda a humanidade estava procurando ser encontrada através da ótica do racionalismo científico, não deu muito certo, visto a derrota no que tange as crises econômicas, ambientais, humanitárias e as grandes guerras. Toda a esperança lançada sobre a ciência através do iluminismo subestima a ciência enquanto construção humana. Em seu ensaio para a academia de Dijon, Rousseau já incomodava sobre a questão da virtude nas ciências e nas artes:

Segundo uma antiga tradição, passada do Egito à Grécia, um deus, inimigo do pouso dos homens, foi o inventor das ciências. Que opinião, pois, era preciso que sobre essas tivessem os próprios egípcios, entre os quais elas nasceram? E que viam de perto as fontes que as produziram. Com efeito, tanto ao folhear os anais do mundo como ao suprir crônicas incertas com pesquisas filosóficas, não se encontra uma origem dos conhecimentos humanos que corresponda à ideia que a respeito gostamos de formar. A astronomia nasceu da superstição; a eloquência, da ambição, do ódio, da adulação, da mentira; a geometria, da avareza; a física, de uma vã curiosidade; todas, e a própria moral, do orgulho humano. As ciências e as artes devem seu nascimento aos nossos vícios: duvidaríamos menos das suas vantagens, se os devessem às nossas virtudes (ROUSSEAU, 2014. p. 32).

Para o autor Peter Drucker, a filosofia racionalista dá ideia de que os homens vivos estão associados à perfeição da razão absoluta, permanecendo ainda hoje esse discurso autoritário, mesmo com as mudanças nos personagens hegemônicos, visto sua visão absolutista da ciência e da razão humana através do iluminismo (DRUCKER, 2002, p. 480).

Ora visto, a religião cristã reformada vislumbra também no racionalismo da modernidade como sendo um campo de influências mútuas, tanto que Max Weber traz o racionalismo econômico como destaque. Para Weber o racionalismo ocidental só poderia ser explicado em sua essência se antes houvesse o reconhecimento do fator econômico, trazendo a tona que essas condições econômicas são motivos de desentendimentos constante de indivíduos. Porém o autor pontua que o homem não

deixa de basear suas atitudes racionais em sua crença espiritual, visto isso, ele conclui que: “quando tais tipos de conduta têm sido obstruídos por obstáculos espirituais, o desenvolvimento da conduta econômica racional encontrou também séria resistência interna” (WEBER, 1999, p. 09), ou seja, segundo Weber a influência religiosa que incide sobre a ética, a conduta gira em torno dessa religião ocasionando assim conflitos, que formam condutas. Quando Weber conceitua “espírito do capitalismo”, propõe um direcionamento no entendimento das relações entre religião reformada e o capitalismo, trazendo a margem de estudo o Calvinismo como a ramificação do protestantismo que mais influenciou no espírito do capitalismo (WEBER, 1999, p. 16).

Por isso Weber quando se refere ao espírito do capitalismo internalizado pelo indivíduo protestante calvinista, fala que essa conduta, mesmo sendo ela a mais simplória, é realizada de maneira a santificá-las, e fazê-la de qualquer maneira, ou até mesmo esquecê-la é visto como uma grande falha no desempenhar do papel de criatura de Deus. Contudo o autor mostra que o indivíduo tem a riqueza como sinal de predestinação à salvação, visto que o mesmo não se associa com a ambição, ou com a avareza, com gastos desmedidos ou ostentação, sobretudo, sendo esse o tipo ideal de reformador cristão mostrado por Weber (WEBER, 1999, p. 29-30).

Quando se trata do cristianismo reformado do mundo ocidental, Max Weber traz um processo chamado de desencantamento do mundo, visto uma atitude racional extremista dos calvinistas em suas atividades religiosas, excluindo então a magia e as superstições. Esse processo de desencantamento como chama Weber, se deu através de um longo período histórico, quando os antigos profetas hebreus juntamente com o pensamento científico helenístico trouxeram uma nova conduta chamada de puritana, que menosprezava qualquer atividade mágica para obtenção da salvação, sendo qualquer vestígio de crença nesses novos mecanismos sinal de superstição e pecado (WEBER, 1999, p. 46).

Com tudo através dos estudos de Weber é possível observar uma ligação, como se fosse uma espécie de eixo, entre a modernização capitalista e a sociedade ocidental, mostrando sua secularização e seu desencantamento. Contudo os estudos de Weber não

nos levam para um fim, entretanto mostra-se um fato. Antônio Flávio Pierucci aborda o tema com propriedade quando fala que:

De acordo com a simplificação que fazem da teoria da secularização atribuída a um Weber evolucionista, a racionalização do Ocidente acabou não se cumprindo da forma linear tal como alegam estaria previsto na teoria weberiana. Mas, convém perguntar, estaria a religião marcada para morrer no capítulo final da "grande narrativa" weberiana do macroprocesso de racionalização ocidental, uma vez secularizado o cristianismo por força do seu próprio desenvolvimento interno, do desdobramento lógico de sua própria imagem de mundo religiosa, vítima da astúcia da introversão religiosa que ele produziu e que acabou dando na razão técnico- científica e tecnocrático funcional? Não, de modo algum (cf. Séguy, 1986). Nunca é demais lembrar que Max Weber sempre foi metateoricamente avesso a previsões fechadas com pretensão nomológica no formato teleológico-hegeliano do gênero filosofia da história. Como, então, atribuir-lhe a tese do "fim histórico da religião"? Como falar em profecia weberiana não cumprida? (PIERUCCI, 1998. p. 5)

Contudo a religião é retirada do espaço público e permanece agora na consciência particular, visto que se perdeu o seu lugar principal, entrando em cena o conhecimento laico-científico, como sendo agora a fonte de toda a explicação da vida e suas várias facetas, passando apenas ao interesse individual. Assim esse espaço particular que a religião ocupa no indivíduo, acaba transformando-se em um meio de realização própria e consumo, onde quem domina são as regras do mercado (REFKALEFSKY, 2006, p. 2).

Por fim, em um contexto de liberdade e pluralidade religiosas, vemos uma acirrada concorrência onde os agentes ofertantes buscam a qualquer custo seu fiel/cliente, investindo então cada vez mais em bens/serviços e na arte do convencimento, fazendo com que esses fieis/clientes precisem do produto ofertado e o mesmo traga satisfação aos fieis/clientes. Por isso a expansão do capitalismo e sua inserção na religião mostrada de maneira empírica nesse trabalho, faz-nos destrincharmos o objeto de estudo do mesmo: a Igreja Universal do Reino de Deus, que será feito de maneira minuciosa no capítulo posterior onde veremos desde seu início sua trajetória, sua teologia da prosperidade e por fim sua prática mercadológica através de sacrifícios.

TRAJETÓRIA DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

A Igreja Universal do Reino de Deus tem se destacado em relação às denominações neopentecostais, no que se refere ao mercado religioso brasileiro, principalmente pela sua maestria na eficácia de estratégias de marketing e comunicação social, que juntamente ligada a outros fatores determinam a sua liderança no que tange oferta de serviços mágicos/religiosos. Surgiu em uma sala de ex-funerária, na zona norte, subúrbio do Rio de Janeiro, no bairro chamado Abolição, não trazendo muitas expectativas, assim como os outros grupos pentecostais, porém não foi assim que essa igreja se fez e faz na história. Tendo como principal líder Edir Bezerra Macedo, nascido em 1945 no mês de fevereiro na cidade de Rio das Flores, região fluminense do estado do Rio de Janeiro, advindo de uma família humilde e de migrantes. Com 17 anos de idade começou a trabalhar como servente de uma lotérica e no ano de 1977, chegou a exercer a função de agente administrativo, porém se desligou da mesma quatro anos depois. Ainda nos anos 70, Macedo freqüentou um centro acadêmico, cursando as matérias de matemática e estatísticas, mas ambas sem conclusão (MARIANO, 2005, p.54).

Macedo diz em entrevista que:

“Eu era uma pessoas triste, deprimida, angustiada. No fundo do poço busquei ajuda a Igreja Católica e só encontrei um Cristo morto. Aquilo não satisfiz o meu coração parti para o espiritismo, mas as idéias que aí encontrei não se coadunavam com as minhas. Então, um dia, tive esse encontro pessoal com Deus (...) Estava em uma reunião pública, de evangelistas, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, no Rio. As pessoas cantavam, de repente, desceu uma coisa sobre a nossa cabeça, nosso corpo, como se estivéssemos sendo jogados debaixo de um chuveiro. Foi algo ao mesmo tempo físico e espiritual, abstrato e concreto. Pude me ver como realmente era, e eu me via como se estivesse descendo ao inferno. Caí em prantos. Então a mesma presença me apontou Jesus. Foi quando nos convertemos e nos entregamos de corpo, alma e espírito”. (Folha de S. Paulo, 20.6.91) (MARIANO, 2005, p.55).

Em 1977 no dia 9 de julho a Igreja Universal do Reino de Deus foi fundada. No início Romildo Soares era o pregador e o líder principal da Igreja Universal, porém não
Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v. 4, n 2, jul.-dez., 2016

aguentando a pressão e gênio forte e centralizador de Macedo, Romildo Soares devagar vai se afastando, e Macedo cada vez mais crescendo entre o carisma dos fieis, sendo esse crescimento proporcionado através de um programa apresentado em uma rádio, espaço esse conseguido através da doação de uma fiel que acreditava ter sido curada pela igreja, na cidade Metropolitana do Rio onde tinha a duração de 15 minutos fazendo com que Macedo se alto promove-se (MARIANO, 2005, p.56).

Edir Macedo no ano de 1989 conseguiu todos os holofotes nacionais, quando anunciou a compra da Rede Record de Rádio e Televisão, investimento esse que lhe custou inicialmente \$ 45 milhões (CAMPOS, 1999, p. 356). Apesar de toda a aquisição no ano seguinte a IURD foi cenário de muitos escândalos. A mídia que mantia os holofotes para Macedo, fez com que essa noticia tomasse proporções ainda maiores. Macedo passou a ser investigado pela Justiça e Receita Federal, sendo também chamado a depor na Polícia Federal. Foi condenado a pagar em 1995 um valor de cinco milhões de reais, visto a sonegação fiscal no que tange a compra da Rede Record em 1990 (MARIANO, 2003, p. 49).

O discurso teológico não apresenta uma sistematização e coerência, visto isso pontua Campos que:

A IURD, ao contrário do que alguns pensam, possui uma teologia e tem mecanismos apropriados para inculcar essa teologia nas novas gerações de fiéis e pastores. Porém não se trata de uma teologia sistematizada, tal como aquelas elaboradas por grupos religiosos já secularmente institucionalizados. Por outro lado ela possui, como toda a reflexão pentecostal, um ranço antiintelectualista muito forte. Macedo propõe uma teologia antiteológica (CAMPOS, 1997, p. 364.85/ CAMPOS, 1997, p. 328. 86/ BONFATTI, 2000, p. 79).

Macedo, fala que “a teologia emerge dos ritos, cânticos, sermões e estudos... religião é algo diabólico” (CAMPOS, 1997, p. 328). Macedo é contrário a práticas litúrgicas associando as mesmas a religiosidade, mesmo ele tendo o título de doutor não impõem qualquer grau de instrução por parte de seus bispos e obreiros.

No final dos anos 90, a IURD transformou sua idéia de templo. Os que eram antes um grande galpão remendado transformaram-se em Catedrais da Fé. Espaços gigantescos em grandes cidades, mostrando sua força institucional, sendo a máxima dessa nova visão de templos a construção de trezentos milhões de reais, no bairro do

Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v. 4, n 2, jul.-dez., 2016

Brás, em São Paulo, a réplica do Templo Salomão, com uma capacidade para dez mil pessoas (IDOETA, 2016).

Por fim podemos pensar que uma igreja que nasce com o nome de Universal não poderia deixar de alcançar seus objetivos. Edir Macedo a cada dia mostra a força da IRUD, que vem vencendo inúmeras barreiras, sendo considerada por alguns estudiosos da religião “a mais importante igreja multinacional do terceiro mundo” (MARIANO, 2003, p. 21).

TEOLOGIA DA PROSPERIDADE IURDIANA

Nascida nos Estados Unidos da América, a Teologia da Prosperidade ou como chamada pelos críticos Health and Wealth Gospel (Evangelho da saúde e da riqueza), Faith Movement (Movimento da fé), Faith Prosperity Doctrines (Doutrina da Prosperidade da Fé), e Positive Confession (Confissão Positiva), baseada sobre a perspectiva de cura, prosperidade e poder da fé, essa forma doutrinária surge na década de 40, porém só aparece como um movimento de doutrina na década de 70, quando se encontra ao movimento carismático americano. Surgem então alguns nomes como: Kenneth Hagin, seu filho Ken Jr, Kenyon que foi o grande inspirador de Hagin, ao ponto de Hagin plagiar obras de seu inspirador, e o Oral Roberts, um televangelista que iniciou com o fundamento de “Vida Abundante”, dando largada ao início da pregação da prosperidade, visto as promessas de retornos financeiros quando se oferta ou se dizíma, acontecimentos datados de 1954. Porém a proporção maior de pregação desse movimento se deu por volta de 1970 com os pregadores Kenneth e Glória Copeland, que chegaram ao extremo com promessas de centuplicação de dízimos ofertados, dentre outros podemos ainda destacar: Robert Schuller, Charles Capps, Jerry Savelle, Benny Hinn, Paul Crouch e Fred Price (MARIANO, 2005, p. 152).

Segundo Weber:

Do ut dê é o dogma fundamental, por toda parte. Esse caráter inere à religiosidade cotidiana e das massas de todos os tempos e povos e também de todas as religiões. O afastamento do mal externo e a obtenção de vantagens externas, ‘neste mundo, constituem o conteúdo

de todas as orações normais, mesmo nas religiões extremamente dirigidas ao além (WEBER, 1991, p. 293).

A palavra Confissão Positiva ensina que todos os cristãos têm poderes, poderes estes que lhes foi prometido nas Escrituras Sagradas, e consolidado através da promessa da morte de Jesus na cruz, e com esse poder lhes dá o direito de trazer o que ainda não existiu a existir, todas as vezes que usarem suas bocas para determinar, e decretar o que acreditam ser o melhor de Deus para eles. Os que defendem essa linha teológica usam o primeiro livro das Escrituras Sagradas, Gênesis, corroborando a idéia de que a criação se deu através da palavra de Deus (MARIANO, 2005, p. 153)¹.

No Brasil a Teologia da Prosperidade dá-se início a partir da década de 70, com o fundador da Nova Vida, Robert McAlister, visto ser ele o iniciador das pregações relacionadas à prosperidade financeira. McAlister publicou na década de 60 alguns livros tais como: *Como prosperar* (1978), onde incentiva aos crentes a serem fiéis ao pagamento de seus dízimos, visto a benção sobre a fidelidade; *Dinheiro* (1981) já no âmbito espiritual, onde fazia uma crítica aos pregadores que associavam o dinheiro a males dentre outros. Embora de maneira dualista criticasse os que ele chamava de “negociadores de benção”, dizia também com muita tranquilidade que para ter garantia de futuro financeiro, o dízimo tem que estar em dia (MARIANO, 2005, p. 156 e 157).

Apesar de todo o terreno fértil que esta Teologia encontrou, vamos nos concentrar no objeto de estudo desse trabalho, a Igreja Universal do Reino de Deus.

¹ A Teologia da Prosperidade prega que o crente pode alterar realidades por meio da palavra proferida com fé. Já o New Thought, fonte de inspiração dessa teologia, promete o mesmo, mas põe o pensamento no lugar da palavra. Segundo Wilson (1970: 57), “era uma lugar comum de obras do Novo Pensamento assinalar que os homens criavam a riqueza, a saúde e a felicidade mediante a prática de uma higiene mental. Mediante o pensamento, os homens manipulariam suas próprias circunstâncias e o mundo”. Essa crença parece estar na raiz de parte da literatura esotérica e de auto-ajuda que invadiu os EUA, a Europa e o Brasil nas últimas décadas. Os livros de Lair Ribeiro, que prometem o Paraíso na terra por meio da “reprogramação neurolinguística”, parecem ter suas técnicas e premissas oriundas do New Thought. Por indicação da Prof. Dra. Maria Lúcia Montes, verifiquei semelhanças entre a Teologia da Prosperidade e o esoterismo exposto no livro *Alegria e triunfo* (com primeira edição em 1978 e recheado de citações bíblicas), de Lorenzo Prado, morto há vários anos, que dirigiu o Centro Esotérico da Comunhão e Pensamento. É impressionante as similitudes de doutrinas da Teologia da Prosperidade com as deste autor paulista, baseado em trabalhos esotéricos norte-americanos. Se o Novo Pensamento inspirou pregadores evangélicos dos EUA na criação da Confissão Positiva, da mesma forma o trabalho de alguns destes, sobretudo o do pastor presbiteriano Norman Vincent Peale, autor do Best-seller *O poder do pensamento positivo*, de 1952, serviu, posteriormente, de inspiração para muitos gurus da Nova Era. *Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões*, Vitória-ES, v. 4, n 2, jul.-dez., 2016

Edir Macedo bispo-primaz da IURD ensina que temos um Deus que é o nosso pai, um pai que nos ama e cuida de nós, e esse pai é dono da prata e do ouro, ou seja, ele é rico, e também precisa ver os seus filhos desfrutando dessa riqueza. Ele afirma que a pobreza não é obra divina, visto a riqueza do pai, e conseqüentemente é obra demoníaca, logo se a pessoa está nessa condição de ser pobre não encontra-se vivendo a margem do propósito que Deus quer para ela (MACEDO, 1993. p. 56).

O discurso teológico pregado na IURD é de que segundo Macedo “Deus é obrigado a lhe dar tudo que você deseja, pois o cristão está destinado a ser próspero, ser materialmente saudável feliz e vitorioso em todos os empreendimentos terrenos” (MACEDO, 1993, p. 78).

Leonildo em sua magnífica obra “templo, teatro e mercado” traz através de amostragem que 37,5% dos membros da IURD, são dizimistas fiéis e mais da metade desses 37,5% dão além de seus dízimos suas ofertas (CAMPOS, 1997, p. 257).

Macedo coloca ainda, no intuito de exercício da fé, que:

Comece hoje, agora mesmo, a cobrar dele tudo aquilo que Ele tem prometido (...) O ditado popular de que ‘promessa é dívida’ se aplica também para Deus. Tudo aquilo que Ele promete na Sua Palavra é dívida que tem para você (...) Dar dízimos é candidatar-se a receber as bênçãos sem medida, de acordo com o que diz a bíblia(...) Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a Sua Palavra, repreendendo os espíritos devastadores (...) Quem é que tem o direito de provar a Deus, de cobrar d’Ele aquilo que prometeu? O dizimista! (...) Conhecemos muitos homens famosos que provaram a Deus no respeito ao dízimo e se transformaram em grandes milionários, como o Sr. Colgate, o Sr. Ford e o Sr. Caterpillar (MACEDO, 1990, p. 36,54,79,84)).

A Teologia da Prosperidade pregada por Macedo e seus pastores relacionam-se de maneira específica com o sistema socioeconômico de consumismo existente nos dias de hoje. A pregação é voltada para o consumo, para ter bens materiais e riquezas, diz-se

ser abençoado se tiver alcançado coisas, chegando assim a um alto padrão de vida, caracterizando pós-modernidade (COSTA, 2004, p. 139)².

Podemos dizer que a Teologia da Prosperidade é um dos pilares da IURD. Segundo Justino: “O dinheiro é o sangue da igreja”, sendo muito ouvida essa frase nas reuniões de pastores. Quando ainda pastor na Bahia Justino era um dos campeões na arrecadação de dízimos e ofertas, quanto maior esse saldo maior seria esse o seu rendimento mensal (JUSTINO, 1995).

De acordo com Oro, “os pastores do pentecostalismo autônomo exploram as carência e necessidades de seus fiéis através da manipulação” (Oro, 1993, p. 320).

Macedo diz que:

Ele [Jesus] desfez as barreiras que havia entre você e Deus e agora diz — volte para casa, para o jardim da Abundância para o qual você foi criado e viva a Vida Abundante que Deus amorosamente deseja para você [...] Deus deseja ser nosso sócio [...] As bases da nossa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; e o que é d'Ele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria, e tudo de bom) passa a nos pertencer (Macedo, 1990, p. 25, 85, 86).

Nos cultos iurdianos, os fiéis são ensinados a pagar de maneira fidedigna os dízimos e as ofertas, incentivados há um total desprendimento, vislumbrando a corrente da prosperidade. Os membros acreditando nas promessas de enriquecimento aceitam a ideia de que precisam abrir seu próprio negócio, deixando de serem empregados e se tornado patrões. Ensinam que para o enriquecimento não basta apenas determinar, declarar e exigir no mundo espiritual, tem que trabalhar duro, enxergando as oportunidades e se qualificando. Já para outro tipo de público, a IURD também tem suas estratégias. Os empresários tem seu culto na sede da igreja em Sp todas as segundas-feiras, sendo específico para que os negócios desses empresários prosperem ainda mais. Seus testemunhos e superações são levados a rádio e Tv, e usados como estratégias para trazer novos membros, mostrando que todas as pessoas que tomarem posse, conseguiram assim como eles (MARIANO, 2005, p. 158).

² É o que Jair F. Costa chama pauperização psicológica, isto é, o sujeito na sociedade de consumo nunca está satisfeito.

Haja vista salientar que a TP trás uma incisiva distorção de valores dentro do pentecostalismo na ótica axiológica. De maneira transparente vemos isso quando a mesma enfatiza quase que unicamente a valorização de retorno nesta vida, e não se pregando o princípio do evangelho que é a morte de cruz, tradicionalmente pregado dentro do cristianismo e também do pentecostalismo. A distorção também se faz notória quanto ao estudo bíblico, pois enquanto se é ensinado à negação desse e mundo, os prazeres existentes nele, ou seja, o ascetismo, a TP na contra mão valoriza todos esses prazeres usando a fé em Deus para obtenção dos mesmos (MARIANO, 2005, p. 158).

Em uma entrevista concedida por Macedo disse que:

A Bíblia, do início ao fim, fala sobre ofertas. A oferta representa alguma coisa. Não é simplesmente uma questão de dinheiro. Ela significa amor. Quando você ama alguém, você dá alguma coisa a essa alguém. Como expressar seus sentimentos por alguém? Dando-lhe algo. Abraão quase sacrificou o filho para dar esse algo a Deus. Nós damos a oferta (...). Segundo os Coríntios 9,6 o apóstolo Paulo diz: “O que semeia pouco, pouco também ceifará”. Eu ensino isso às pessoas. De acordo com o tamanho da fé, a pessoa faz a oferta. Para que alguém alcance o as riquezas de Deus, é preciso manifestar uma fé. A fé no Deus vivo é o melhor investimento que uma pessoa pode fazer na vida (VEJA, 12/1995).

De acordo com Oro o que a IURD traz é uma “leitura distorcida do Evangelho” ainda fala que é uma “‘fetichização’ do dinheiro como mercadoria privilegiada para se adquirir os bens da salvação” (ORO, 1993, p. 316). Entretanto outros autores como Fernandes, fala que o dinheiro traz um conceito muito maior do que apenas o monetário quando se faz presente em um culto, ao ponto de que ele- o dinheiro- perde seu valor, sendo até esquecido por quem ofertou ou dizimou com fé (FERNANDES, 1983, p. 316).

Muito mais do que um padrão de atitudes, requer-se a fidelidade nas ofertas, única garantia de entrada na posse (de tudo aquilo que nos dá uma vida feliz e digna: saúde, prosperidade e amor). Assim a salvação imanente e pragmática apresentada pela (IURD) é acessível não simplesmente aos que superaram uma “prova ética” do tipo amor, fé e caridade, como no catolicismo, por exemplo, mas uma prova do tipo “fidelidade na oferta”. Esta é a nova virtude teologal (GOMES, 1994, p. 248 e 249).

E por fim, a IURD tem como base das bênçãos de Deus sobre a vida do crente a prosperidade financeira. Sendo sinais também de Deus as curas, restaurações de casamentos e muito sucesso nas finanças. Faltam, portanto alguns preceitos cristãos básicos. De fato as escrituras trazem várias promessas divinas de retribuição aqueles que doam com alegria e fidelidade, porém a ênfase maior se dá em devolver aquilo que já é de Deus, a ênfase recai sobre a causa do Reino, visto que não há nenhum interesse em receber nada em troca. A pessoa que dá com alegria, não vislumbra o que irá receber em troca por parte de Deus, mas em cumprir a sua lei, diferentemente da IURD, que através de um aspecto retributivo, faz com que os seus ensinamentos sejam vistos como um valor de troca (COMISSÃO IPB, 1997, p. 56).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. O que é religião. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BERGER, P. L. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BISPO, C. S., et al. Empreendedorismo e Inovação. Instituto Baiano de Ensino Superior IBES. Disponível em: <http://www.ibes.edu.br/aluno/arquivos/artigo_empreendedorismo_inovacao.pdf> . Acesso em: 06 abr. 2014.
- BOMFIM, Adailson. J. R. Um “Alarido” Neopentecostal: Transversalidade e Ressignificação na Igreja Universal do Reino de Deus. Dissertação de Mestrado apresentada ao P.P.G. em Sociologia: UFS, Sergipe, 2008.
- CAMPOS, L. S. A Igreja Universal do Reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa). Lusotopie, São Bernardo do Campo, p. 355-367, 1999.
- CAMPOS, L. S. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva. Revista USP. São Paulo, n. 61, p.146-163, mar./maio 2004.
- CAMPOS, L. S. Teatro Templo e Mercado: Organização de Marketing de Um Empreendimento Neopentecostal. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio; São Bernardo do Campo: UMESP, 1999.
- CAMPOS, L.S. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. Revista USP, São Paulo, n. 67, p. 100-115, set./nov. 2005.
- CAMPOS, L.S. Entrevista concedida a: Pedro F. Bendassolli e Rafael Valentim. GVexecutivo, v. 6, n. 6, Fundação Getúlio Vargas: Escola de Administração de Empresas de São Paulo, nov./dez. 2007. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/gvexecutivo/article/viewFile/34729/33531>> . Acesso em: 12 abr. 2016.
- COSTA, F. C. X.; HAGEL, W. Design Estratégico e Design Para Experiência: A Análise do Caso Igreja Universal do Reino de Deus. IV Congresso Internacional de Pesquisa em Design. Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.ngd.ufsc.br/files/2012/04/Design-Estrat%C3%A9gico-Igreja-Universal.pdf>> . Acesso em: 20 jun. 2016.
- ELIADE, M. O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRESTON, P. Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment. Tese de doutorado, Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

GOMES, A. M. de Araujo. O pensamento de João Calvino e a Ética Protestante de Max Weber, aproximações e contrastes. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 7, n. 2, 2002.

HAGEL NETO, W. Design Estratégico e Mercado da Fé – Estudo de Caso: Igreja Universal do Reino de Deus. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Design Estratégico da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, 2010.

HOUTART, François. Mercado e Religião. Tradução: Claudia Berliner e Renata Cordeiro. São Paulo: Cortez, 2002.

HUME, David. História Natural da Religião. Tradução: Jaimir Conte. São Paulo: Unesp, 2004.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEORGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_pdf.shtm> . Acesso em: 04 jun. 2016.

IDOETA, Paula Adamo. Conheça alguns dos principais negócios ligados ao mercado evangélico. Disponível em: <<http://www.politica.estadao.com.br/noticias/geral,conheca-alguns-dos-principais-negocios-ligados-ao-mercado-evangelico,767002>>. Acesso em: 27 fev. 2016.

JUSTINO, M. Nos Bastidores do Reino: A vida secreta da Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

LUTERO, M. As 95 Teses de Lutero: Debate para o esclarecimento do valor das indulgências. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/lutero/95_teses.html> . Acesso em: 12 fev. 2016.

MACEDO, Edir B. Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios? Rio de Janeiro: Universal Produções, 1987.

MACHADO, Maria das Dores C. A magia e a ética no pentecostalismo brasileiro. *Estudos de Religião*, Rio de Janeiro, ano 21, n. 33, p. 12-26, jul./dez. 2007.

MARIANO, Ricardo. Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil. Tese de doutorado em Sociologia, São Paulo: FFLCH-USP, 2001.

MARIANO, Ricardo. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. *Civitas*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 111-125, jun. 2003.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004.
Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v. 4, n 2, jul.-dez., 2016

MARIANO, Ricardo. Igreja Universal do Reino de DEUS: a magia institucionalizada. *Revista USP*, São Paulo, n. 31, p. 120-131, set./nov. 1996a.

MARIANO, Ricardo. O futuro não será protestante. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 89-114, set. 1999.

MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. *Novos Estudos*, CEBRAP, São Paulo, n. 44, p. 24-44, mar. 1996b.

MARIANO, Ricardo. Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: um balanço. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 43, n. 119, p. 11-36, jan./abr. 2011.

MARIANO, Ricardo. Usos e limites da teoria da escolha racional da religião. *Tempo Social*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 41-66, nov. 2008.

MORAES, L. F. R. et al. O paradigma weberiano da ação social: um ensaio sobre a compreensão do sentido, a criação de tipos ideais e suas aplicações na teoria organizacional. *RAC*, v. 7, n. 2, p. 57-71, abr./jun. 2003.

NASCIMENTO, L. F. Participação nos Lucros ou Resultados. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Contábeis: UFSC. Florianópolis – SC, 2005.

OLIVEIRA, D. M. de. Entre a fé, a obra social e a publicidade: uma análise crítica do discurso da responsabilidade social da Igreja Universal do Reino de Deus. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN. Natal – RN. 2013.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e Afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra? *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 10-36, nov. 1997.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostalismo: dinheiro e magia. *Ilha*, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 205- 214, nov. 2001.

ORO, Ari Pedro. Organização eclesial e eficácia política: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. *Civitas*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 97-110, jun. 2003.

PIERUCCI, A. F. Secularização em Max Weber: Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 37, jun. 1998. p. 5.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre as Ciências e as Artes. Edição: Ridendo Castigat Mores, 2001. Versão para ebook (eBooksBrasil.com). Fonte digital: www.jahr.org. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/cienciaarte.html> . Acesso em: 12 set. 2014. p. 32.

SANTOS, Eliezer Lírio. O Impacto da Reforma Protestante na Disseminação do Livro Impresso. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião: Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

SCHUMPETER, J. A. *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. Editado por George Allen e Unwin Ltd., traduzido por Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SILVA, B. S. *A Igreja Universal: Misticismo e Mercado*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas: Unicamp, São Paulo, 2000.

SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações: Estudo sobre sua natureza e suas causas*. v. 1, Tradução de Luiz João Baraúna, São Paulo: Nova Cultural, 1996.

VIEIRA, Paulo Henrique. *A filosofia política de Martinho Lutero*. *Estudos Teológicos*, Maringá-PR, v. 42, n. 1, p. 58-80, 2002.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 14. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*. v. 1, 4. ed. Brasília-DF: UnB. 2000, 2009 (reimpressão).

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.